

GT 16: Estudos de gênero, feminismo e sexualidades

ENTRE BANDEIRAS NEGRAS E AS ASAS DE EROS:

Os discursos sobre *amor livre* nas páginas do jornal anarquista *A Plebe* (1917-1951).

Ana Claudia Ribas¹

O anarquismo², movimento nascido na final do século XIX, é talvez, dentre as muitas filosofias políticas e os muitos idealismos que despontaram com a modernidade na civilização ocidental, um dos que mais tem sido alvo de equívocos e más interpretações. Por vezes, ser tachado de anarquista sugeria um insulto e muitos de seus militantes foram classificados como baderneiros e terroristas³ - representação vinculada ao fato de que alguns militantes acreditavam em uma insurreição violenta como forma de destituir a ordem vigente. Mas, por certo, não há como negar que a ideologia anarquista, que prega a abolição das leis e do governo, acabou por alimentar todo um contexto representativo de um estado de anomia social⁴ no senso comum, diferente do que era defendido por seus pensadores, que acreditavam na emergência de uma ordem de autogestão, baseada na liberdade individual, no que Mikhail Bakunin, revolucionário russo, chamou de “reino da

¹ Doutoranda no Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas – UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina). E-mail: ribasanaclaudia@gmail.com

² Historicamente o anarquismo surge como movimento organizado durante a Associação Internacional dos trabalhadores (também chamada de Primeira Internacional), em 1864, quando passam a distinguir-se efetivamente dos marxistas. In: WALTER, Nicolas. **Do Anarquismo**. São Paulo: Imaginário, 2000, p. 09-10.

³ A vinculação entre o anarquismo e o terrorismo e a violência é perceptível na representação estereotipada mais popular referente ao militante: o anarquista com uma bomba debaixo do sobretudo, ou portando-a enquanto caminhava sorrateiramente.

⁴ Conceito desenvolvido pelo sociólogo Durkheim. In: DURKHEIM, Émile. **O suicídio**. São Paulo, Martin Claret, 2008.

cooperação livre”⁵.

O conceito de liberdade pode, deste modo, ser elencado como elemento chave para a compreensão da ideologia anarquista. Todas as correntes de pensamento anarquista⁶ pautaram-se, em seus discursos, na autogestão e na liberdade individual, estendendo-as para além do espaço público, alcançando todos os espaços da vida humana, inclusive nas relações de gênero. É possível relacionar os discursos anarquistas, apresentados como uma proposta ideológica imbuída do objetivo de transgredir das regras morais vigentes, com a tentativa de se construir “corpos anárquicos”, cuja sexualidade não fosse gerida por preceitos religiosos, mas que estivessem pautados na liberdade individual. O corpo não aparece apenas como um instrumento para que a revolução se efetive, e o Estado possa ser abolido, mas como o próprio espaço da revolução proposta.

Estes corpos que emergem nos discursos anárquicos, são dotados de sexualidades e desejos que não ficavam relegados a segundo plano, mas que destacavam-se como importantes elementos de poder⁷, pois seria a partir das transgressões morais e o rompimento com as normatizações religiosas que se poderia, enfim, cultivar a cultura da liberdade, o anarquismo na prática.

Em uma perspectiva voltada apenas para o âmbito discursivo, é possível afirmar que o anarquismo se diferenciava dos demais discursos de cunho socialista – mesmo que hajam outros pontos mais explorados pelos estudiosos -, por sua preocupação com os corpos e o exercício das sexualidades de seus militantes. Neste sentido, uma questão ganhou destaque nas publicações anarquistas durante todo o século XX: o amor livre. Tal tema se encontrava presente em jornais de forte expressão no movimento anarquista da

⁵ BAKUNIN, M. **Conceito de Liberdade**. Portugal, Porto: Ed. RES, 1975.

⁶ Apesar de ser considerada - a grosso modo - como uma ideologia única, muitas são as perspectivas pelas quais o anarquismo foi desenvolvido por seus pensadores, abrindo-se em várias correntes da ideologia anárquica, como por exemplo: o anarquismo filosófico, individualismo libertário, federalismo, anarco-sindicalismo.

⁷ Adotando o conceito de poder a partir das perspectivas apontadas por Michel Foucault.

primeira metade do século XX, como por exemplo, nas páginas do periódico *A Plebe*⁸, onde não raramente encontravam-se textos em sua defesa:

Nós entendemos amor livre o direito de amar livremente para ambos os sexos, o direito da mulher escolher livremente o eleito de seu coração, sem encontrar no caminho da suas inclinações os obstáculos da tirania paterna ou preconceitos de uma sociedade baseada na mentira religiosa, na mentira sexual e na mentira do amor. (A PLEBE 17/08/1935)

Desde o século XIX os ideários anarquistas discutiam temas relacionados à moral, casamento, sexualidade e aos corpos masculinos e femininos, temas compreendidos como parte integrante da vida humana, e lugar onde também a liberdade individual deveria ser preservada⁹. Nesta propaganda anarquista é possível entender que “o corpo não é um objeto em relação à cultura, mas é o sujeito da cultura.”¹⁰

A defesa do amor livre consistia em uma crítica ao modelo da norma burguesa de família. Como artifício discursivo, utilizavam a idéia de que este amor livre estaria ligado ao direito ao amor como um sentimento natural, “menos a uma proposta de variação de parceiros, do que a crítica à institucionalização dos sentimentos em formas rígidas e envelhecidas”¹¹.

⁸ O jornal *A Plebe*, certamente pode ser citado como um dos mais conhecidos e importantes periódicos da imprensa libertária brasileira, tanto pela extensão do período de sua existência, como pela abrangência de sua circulação. Fundado em junho de 1917 em São Paulo, em plena greve geral, tinha por objetivo servir como instrumento de divulgação das notícias desse conturbado momento, mas acaba firmando-se como importante divulgador da doutrina anarquista, mantendo sua circulação até o ano de 1949, com pequenas interrupções motivadas por perseguições policiais, políticas e problemas financeiros. Fundado por Edgard Leuenroth, o jornal teve vários redatores, desde o próprio Edgard, passando por Florentino de Carvalho, Manuel Campos, Pedro Augusto Mota e Rodrigo Felipe. SILVA, Rodrigo Rosa. As idéias como delito: a imprensa anarquista nos registros do DEOPS-SP (1930-1945). In: DEMINICIS, Rafael Borges e REIS FILHOS, Daniel Aarão. **História do Anarquismo no Brasil** vol. I. Niterói – RJ: Mauad X, 2006, p. 113-132.

⁹ GOLDMAN, Emma. **O indivíduo, a sociedade e o Estado**. São Paulo: Imaginário, 1998.

¹⁰ CSORDAS, Thomas. **Corpo, significado, cura**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2008, p.102.

¹¹ RAGO, Margareth. Do amor Livre. In: **Revista Libertárias**: Revista de Cultura Libertária, n. 03. São Paulo, set. 1998, p.11.

É bem verdade que o tema “amor livre” não era questão pacífica entre os anarquistas brasileiros e muitos eram os posicionamentos apresentados, nas mais diferentes concepções e entendimentos, sinalizando não apenas para uma diversidade de concepções, a partir das quais, apenas torna-se possível afirmar que havia uma intencionalidade destes discursos – sejam eles a favor ou contra a ideia de amor livre – visando à formação de sujeitos que poderiam dar forma a revolução social almejada pela ideologia anárquica.

É importante destacar que a produção destes discursos, apesar de considerados avançados para o período, tinham influências provenientes do movimento anárquico existente fora das fronteiras brasileiras, como é o caso da influência exercida por Emma Goldman¹², reverberando nos discursos de algumas personalidades brasileiras, como Maria Lacerda de Moura¹³, que em seus muitos escritos defendia veementemente o direito ao prazer sexual.

O presente artigo tem por objetivo perceber como eram articuladas as propagandas e as tensões referentes aos discursos sobre amor livre e a militância libertária presentes nas páginas do periódico *A Plebe*, durante a primeira metade do século XX. Analisando, também, a participação feminina e masculina na produção destes discursos, lançando mão dos estudos de gênero para tanto.

REPRESENTAÇÕES LIBERTÁRIAS: ENTRE BOMBAS A BANDEIRAS

O século XIX, assim como a primeira metade do século do XX, trouxeram consigo mudanças muito rápidas e profundas para a sociedade ocidental. As configurações dos centros urbanos alteravam espaços sociais e as práticas de sociabilidades, reverberando

¹² Nasceu em 1869, na Rússia, mas em 1886 migrou para a América, onde trabalhou como operária. Tida como uma “oradora nata” realizou inúmeras conferências em prol da emancipação feminina. Foi presa várias vezes. Participou como colaboradora em diversos jornais anarquistas, até que passou a publicar sua própria revista chamada *Mother Earth*. Morre em fevereiro de 1940.

¹³ Outras militantes anarquistas de destaque também tiveram textos seus citados em *A Plebe*, como por exemplo: Anita Figueiredo e Sônia Oiticica, entre outras.

entre os intelectuais e pensadores da época, produzindo discursos que se desdobravam desde o deslumbramento com o novo que se instaurava, até a resistência a estas mudanças sociais que geravam novos parâmetros de desigualdades econômicas. É o momento do advento dos socialismos e do sonho da instauração de uma sociedade igualitária.

É neste contexto e efervescência intelectual que se destaca o anarquismo, movimento que ganha representatividade na segunda metade do século XIX, e que teve como um dos grandes expoentes, o russo Mikhail Bakunin¹⁴, principal sistematizador cultura anárquica¹⁵. É bem verdade que não há um consenso entre historiadores sobre a origem primeira do anarquismo. É inegável, no entanto, que a publicação de algumas obras foram imprescindíveis para a constituição do pensamento libertário, como *Enquiry Concerning Political* (1793) do inglês William Godwin; *Qu'est-ce que la propriété?* (1840) do francês Pierre-Joseph Proudhon; e *Der Einzige und sein Eigentum* (1844) do alemão Max Stirner. No entanto, há aqueles que defendam que o anarquismo teria surgido enquanto movimento organizado durante a Associação Internacional dos Trabalhadores (também chamada de Primeira Internacional), em 1864, por ocasião da saída dos seguidores

¹⁴ Mikhail Bakunin nasceu no Império Russo no ano de 1814 em uma família nobre. Deixou a Rússia em 1842, mudando-se para a Alemanha e depois para a França, onde conheceu importantes pensadores políticos como Pierre-Joseph Proudhon e Karl Marx. Durante o século XIX foi acusado por autoridades religiosas e governamentais de exercer grande influência para a juventude revolucionária, fato que se comprova no fato de que manteve-se como referência para anarquistas por todo o século XX, até a contemporaneidade. Forte opositor ao marxismo, Bakunin morreu na Itália em 1876.

¹⁵ Utilizamos aqui o conceito “cultura anárquica” em substituição à “ideologia anárquica” ou “doutrina anarquista”, por considerar que estes últimos seriam incapazes de abranger todas as possibilidades apontadas pelo anarquismo do movimento dos séculos XIX e XX. Também ao utilizarmos o conceito de “cultura anárquica” almejamos não privilegiar termos masculinos como “os anarquistas” ou “os libertários”, tendo em vista que não se tratava de um ambiente de discussão política exclusivamente masculino. Ao realizarmos a escolha pelo termo “cultura anárquica” e “cultura libertária”, nos apoiamos em Marshall Sahlins que define como “cultura” um conjunto de significações, a ordem destas significações. Entendendo que esta “ordem cultural” anárquica não pode ser contida em um termo inflexível como “doutrina” ou “ideologia”, uma vez que não existe um grande livro que balize o pensamento libertário, nem um único pensador maior que detenha a palavra maior, mas sim uma pluralidade de vozes e uma vasta gama de possibilidades libertárias, vislumbramos um ambiente dinâmico, criando uma ordem, que segundo Sahlins, se reproduz na mudança e enquanto tal. Somente deste modo, tornou-se possível abarcarmos as muitas possibilidades de concepção do anarquismo presente no período aqui estudado, tais como: anarquismo individualista, anarcoterrorismo, anarquismo social (anarcossindicalismo, anarcomunismo, sindicalismo revolucionário), federalismo, entre outros.

de Bakunin deste encontro, quando passam a distinguir-se definitivamente dos marxistas¹⁶. É importante lembrar que a cultura libertária não pregava uma conquista do poder para a implantação da “ditadura do proletariado”, como defendia Marx e seus seguidores, mas acreditavam na possibilidade da destruição das relações de poder, substituindo-a por novas formas de relações sociais e por novas formas de moralidade social.¹⁷

Para além destas discussões, vale lembrar que o anarquismo influenciou inúmeros movimentos sociais no transcorrer do século XIX e também no século XX durante sua primeira metade, seja defendendo a construção de novas práticas de vida social, seja questionando o poder em todas as dimensões da vida cotidiana, seja pregando a autogestão, fundando as “escola modernas”, recusando a aceitar o princípio de representação política, negando o poder religioso, ou questionando a instituição do casamento, a cultura libertária construía sua luta política. Mesmo assim, dentre as muitas filosofias políticas que despontaram com a modernidade na civilização ocidental, o anarquismo pode ser elencado como um dos que mais tem sido alvo de equívocos e más interpretações.

Por vezes, ser tachado de anarquista sugeria um insulto e muitos de seus militantes foram classificados como baderneiros e terroristas - representação vinculada ao fato de que alguns libertários acreditavam em uma insurreição violenta como forma de destituir a ordem vigente, em uma atitude chamada por eles de “ação direta”. A vinculação da representação entre anarquismo e terrorismo é perceptível no estereótipo popular referente ao militante libertário: o anarquista com uma bomba debaixo do sobretudo, ou portando-a enquanto caminha sorrateiramente. Também no clássico de Émile Zola, *O Germinal*, o personagem Souvarine, que representa o militante anarquista, se mostra constantemente na contra mão das idéias da movimentação grevista, inclinado ao terrorismo, que concretiza ao final da narrativa, explodindo a mina em que trabalhava.

¹⁶ WALTER, Nicolas. **Do Anarquismo**. São Paulo: Imaginário, 2000, p. 09-10

¹⁷ RAGO, Margareth. "Es que no es digna la satisfacción de los instintos sexuales? Amor, sexo e anarquia na Revolução Espanhola". In: SOARES, Carmen L. (Org.). **Corpo e História**. Campinas, SP: Editora Autores Associados, 2001. p. 147.

Este tipo de representação¹⁸ está muito relacionada aos ataques terroristas acontecidos no final do século XIX, e amplamente veiculados pelos jornais, nos quais figuras como François Claudius Koëningstein, famoso anarquista ilegalista francês, mais conhecido como Ravachol (1859-1892), se tornou o arquétipo do "anarquista lançador de bombas" devido a suas ações diretas violentas.

Mas não apenas Ravachol compunha o quadro dos anarcoterroristas do século XIX, também havia outros personagens como: Auguste Vaillant (1861-1894), cujos atentados visavam vingar a morte de Ravachol, executado pela justiça francesa; Émile Henry (1872-1894), anarquista espano-francês, responsável por dois atentados a bomba a cafés franceses; Gaetano Carlo Salvatore Bresci (1869-1901), anarquista ítalo-americano que assassinou o Rei Umberto da Itália; Leon Czolgosz (1873-1901) responsável pelo assassinato do presidente estadunidense William McKinley; Mateu Morral (1880-1906) anarquista catalão conhecido por seu atentado contra Afonso XIII e Victoria Eugenia, monarcas da Espanha, em 1906 no dia de suas bodas; Luigi Lucheni (1873-1910) que assassinou com uma lima afiada a Imperatriz Elizabeth da Áustria; entre outros.

Tratava-se de um tipo de ação característica de sua desta época: eram ataques de indivíduos isolados, que aconteciam de forma rápida e violenta, sem muito planejamento¹⁹. A admiração que estes personagens geravam entre os libertários estava focada em sua índole anárquica inquebrantável, e acabaram auxiliando na construção da representação social do militante libertário como impulsivo e irredutível em suas concepções.²⁰

¹⁸ Adotamos, para esta pesquisa, o conceito de representação desenvolvido por Roger Chartier. Representação seria, dentro desta perspectiva, um instrumento de um conhecimento mediado, através do qual um objeto ausente se torna presente através de uma 'imagem', de forma a poder 'pintá-la' na memória tornando-a inteligível. Entendemos, também, que práticas discursivas seriam formas de representação. CHARTIER, Roger. *À Beira da Falésia: a história entre certeza e inquietude*. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 2002, p.74-97.

¹⁹ MONTEIRO, Fabrício Pinto. O anarquista terrorista na imprensa escrita no século XIX. In: **Temporalidades** – Revista Discente do Programa de Pós-graduação em História da UFMG, vol. 1, n.º 2, ago./dez. 2009, p.204. <www.fafich.ufmg.br/temporalidades>

²⁰ O mito conspiratório anárquico acabou se expressando na crença de uma "Internacional Negra" terrorista, que se tornou tão real no imaginário social que motivou a criação de diversas ações antianarquistas, com leis e ações efetivas, chegando a uma grande "Conferencia Internacional Anti-Anarquista", que aconteceu em Roma no ano de 1898. (MONTEIRO, 2009, p.211).

A ação terrorista realizada pelos anarquistas estava pautada em uma concepção de propaganda pela ação. Esta concepção sempre foi muito cara aos anarquistas durante toda sua história, realizada através de protestos, sabotagem, comícios ou manifestações públicas, balizados pelas idéias de Bakunin, que desacreditava na eficácia da palavra escrita e oral isoladamente. Mais tarde, frente às muitas repressões governamentais que o anarquismo acabou sofrendo e a constante recusa da população ao ideário anárquico, alguns dos pensadores, como Jean Grave, Piort Kropotkin, e Errico Malatesta, passaram a propor mudanças nas perspectivas de ação libertária, afastando-se do terrorismo e aproximando-se dos sindicatos. Tratava-se de uma nova forma de ação direta, que estava igualmente balizada nas atitudes firmes e na índole anárquica inquebrantável.

É bem verdade que há um esforço das ideologias dominantes em relacionar anarquismo com desordem, caos ou bagunça. E não há eximir o papel imprescindível executado pela imprensa na formação das representações, tanto no que diz respeito a militância libertária quanto a própria cultura anárquica.

Mesmo afastando-se das ações violentas, a representação da cultura libertária continuou cristalizada no imaginário social. Por certo, não há como negar que o anarquismo, que prega a abolição das leis e do governo, acabou por alimentar todo um contexto representativo de um estado de anomia social²¹, sendo estes acusados de destruidores da ordem e amorais. Esta representação da cultura libertária em muito se diferenciava do que defendiam seus pensadores, que acreditavam na emergência de uma ordem de autogestão, baseada na liberdade individual e na igualdade, que Mikhail Bakunin chamou de “reino da cooperação livre”²². Não apenas uma ordem, mas sim, uma nova ordem.

Para compreensão da história da cultura anárquica há um elemento crucial a ser elencado: a imprensa libertária. Assim como a construção da representação do anarquista está ligada a imprensa escrita do século XIX e suas manchetes sensacionalistas, também as publicações libertárias atuaram com muita força na divulgação dos princípios anárquicos,

²¹ Utilizamos aqui o conceito desenvolvido pelo sociólogo Durkheim. In: DURKHEIM, Émile. **O suicídio**. São Paulo, Martin Claret, 2008.

²² BAKUNIN, M. **Conceito de Liberdade**. Portugal, Porto: Ed. RES, 1975.

como a construção de suas representações, provando o equívoco de Bakunin ao desacreditar na eficácia da palavra escrita.

Pouco inclinados à constituição de grandes organizações, o movimento libertário lançou mão da imprensa escrita como forma de empreender sua participação junto ao movimento operário, afastando-se de ações violentas e aplicando o conceito de ação direta junto aos sindicatos e as movimentações operárias.

Em terras brasileiras, a cultura libertária chega através dos imigrantes, principalmente italianos, portugueses e espanhóis. Não tarda até que vários militantes libertários ganhassem projeção como, por exemplo, o filósofo e professor José Oiticica, o intelectual Neno Vasco e o jornalista Edgard Leuenroth²³. Este último personagem merece especial destaque. Trabalhador da indústria gráfica foi um dos maiores nomes da imprensa anarquista brasileira, indubitavelmente elemento chave para se entender o movimento anárquico no Brasil. Como tipógrafo, Leuenroth dominava o ofício, o que possibilitou que ele fundasse o primeiro jornal anarquista do país: *Terra Livre*, em São Paulo. Fundou, ainda um dos periódicos libertários de maior projeção e longevidade da cultura anárquica no Brasil - fonte e objeto desta pesquisa -, o jornal *A Plebe*, que circulou de junho de 1917 até 1951.

O JORNAL: A PLEBE

Responsáveis pela organização dos primeiros movimentos operários brasileiros, liderando greves em 1917, 1918 e 1919 no Rio de Janeiro e em São Paulo - que se estenderam também outros estados brasileiros -, os anarquistas atuavam em organizações sindicais das quais estavam à frente, lançando mão, para efetivação de sua propaganda

²³ Edgard Frederico Leuenroth (1881-1968) foi tipógrafo, jornalista, arquivista e um dos mais notórios libertários da história brasileira. Responsável por fundar também o jornal anticlerical *A Lanterna*, participou também de outros periódicos como *O Boi*, *O Alfa*, *O Trabalhador Gráfico*, *Portugal Moderno*, *A Terra Livre*, *A Lucta Proletária*, *A folha do Povo*, *A Guerra Social*, *O Combate*, *A Capital*, *Eclectica*, *Spartacus*, *Ação Libertária*, *Ação Direta*, entre outros. Foi fundador de entidades como a *União dos Trabalhadores Gráficos*, *Centro Typographico* e a *Federação Nacional da Imprensa*, *Associação Paulista de Imprensa* e a *Federação Nacional da Imprensa*.

política, da imprensa libertária. Este período tornou-se um momento de profunda esperança na revolução social em que a cultura libertária vivia seu auge.

No ano de 1917 os reflexos da primeira grande guerra atingem a nação. O operariado sobrevive em situação precária, pois os salários mal pagavam as despesas básicas, era a chamada “carestia de vida”. O desemprego era enorme, tanto quanto a exploração da mão de obra infantil e feminina. Instaurava-se uma situação de penúria extrema, que se refletia nas páginas dos jornais paulistanos, registrando o clamor da população.²⁴

É neste contexto que os anarquistas iniciam suas movimentações, encontrando entre os operários um “campo fértil” para a divulgação de suas ideias²⁵. Tomando a frente, Edgard Leuenroth foi responsável por organizar os primeiros comícios em praça pública. Incitava-se o levante. Estava plantada a semente de uma greve que se tornaria histórica.

Com a sinalização que a greve estaria a caminho, Edgard Leuenroth funda *A Plebe*, que tinha por objetivo ser portavoz das reivindicações operárias. Podemos afirmar que a propaganda libertária feita pela imprensa anarquista, aliada aos métodos de ação direta, libertária produziram na classe trabalhadora urbana o nascimento de uma consciência até então não imaginada: surgiam sindicatos, associações de classe e ligas operárias, que passam a fazer parte do cotidiano das classes trabalhadoras.

A influência de *A Plebe*, junto as classe trabalhadora foi decisiva para a eclosão da greve de 1917, assim como, para a atuação libertária juntos aos operários nas décadas seguintes. Durante a primeira metade do século XX, o jornal *A Plebe*, certamente pode ser citado como um dos mais conhecidos e importantes periódicos da imprensa libertária brasileira, tanto pela extensão do período de sua existência, como pela abrangência de sua circulação. Mesmo que tenha surgido como instrumento de divulgação de propaganda durante as movimentações operárias de 1917, este periódico acaba se firmando como importante divulgador da cultura anarquista, mantendo sua circulação até o ano de 1951,

²⁴ LOPREATO, Christina da Silva Roquete. **A Semana Trágica**: a greve geral anarquista de 1917. São Paulo: Museu da Imigração, 1997, p. 16.

²⁵ Idem, *Ibidem*, p.21.

com interrupções motivadas por perseguições policiais, políticas e por problemas financeiros. Vários foram seus redatores chefes, desde o próprio Edgard, passando por Florentino de Carvalho, Manuel Campos, Pedro Augusto Mota e Rodrigo Felipe.

Muitos foram os temas abordados nas páginas deste jornal durante seu longo período de existência, desde propagandas dos princípios anárquicos, debates referentes às questões políticas da época, críticas a chamada imprensa burguesa, propaganda anticlerical e anarcossindical, denúncias contra abusos policiais e prisões arbitrárias de militantes, informações sobre organizações e encontros sindicais e operários, informativos de greves - tanto no que se referiam a movimentos nacionais quanto no âmbito internacional -, convites para confraternizações e piqueniques, conferências etc.

O entanto, este periódico também veiculava vários artigos que se propunham a discutir questões morais, sexuais e de saúde e educação da população, apresentando propostas para a construção de uma autonomia pessoal capaz de guiar seus militantes a uma liberdade plena. Neste sentido, revela-se a intensa crítica dos anarquistas a moral vigente, assim como, a defesa de uma nova moral libertária. Dentro desta perspectiva encontramos muitos textos, publicados no decorrer da existência de *A Plebe*, nos quais se abordava temáticas como prostituição, amor livre, controle de natalidade, vasectomia, “emancipação feminina”, educação sexual, entre outros. Tratava-se de uma tentativa de transformação das relações de gênero no sentido da emancipação corporal, afetiva e sexual. Neste sentido, os libertários e as libertárias não se constrangiam em expor suas práticas e experiências, afastando-se do discurso religioso de controle dos instintos sexuais e da eliminação do prazer, se tratava de um outro lado da normatização vitoriana.²⁶

Talvez para uma leitora ou leitor menos familiarizado com a cultura libertária, ao correr os olhos pelas páginas amareladas de *A Plebe*, possa ser surpreendida ao perceber que a cultura libertária muito se dedicou as discussões e a propaganda de uma revolução capaz de levar em conta os corpos, as sexualidades e o amor de seus militantes.

CORPO, SEXUALIDADE, MORAL E REVOLUÇÃO

²⁶ RAGO, Margareth. Op. Cit., 2001. p. 147.

Os textos veiculados nas páginas de *A Plebe* nos revelam a tentativa de construção de uma sociedade ácrata, livre das autoridades, leis e das chamadas “amarras da moral burguesa”. É neste contexto que os debates sobre a chamada “emancipação feminina” ganham espaço. Tratam-se de discussões sobre a participação das mulheres na vida pública, nas discussões e na militância política, o espaço feminino no mundo do trabalho, letramento feminino, a possibilidade do amor livre, controle de natalidade, além de questões relacionadas educação sexual que deveria ser dirigido tanto de homens quanto de mulheres.

A partir desta temática é possível perceber, olhando através das páginas da imprensa libertária, o mais importante dos conceitos anárquicos: a liberdade. Compreendida como natural²⁷, intrínseca e parte da essência humana, a liberdade é o elemento chave para a compreensão da lógica da cultura anárquica. Todas as correntes de pensamento anarquista, apesar de divergirem em muitos pontos, pautaram-se na autogestão e na liberdade individual como sua base incontestável. E esta liberdade não se encontra limitada ao plano abstracional, mas vinculada as práticas da cultura anárquica, estando, deste modo, para além da simples liberdade física, mas associada às possibilidades múltiplas de expressão no meio libertário, devendo estar presente também nos relacionamentos, no convívio entre os militantes, estendendo-se aos relacionamentos e vinculações amorosas, e nas relações de gênero. Apesar de parecer uma situação harmoniosa, obviamente muitos conflitos estavam postos no meio da cultura libertária no que se refere à interpretação e na efetivação da liberdade, perceptíveis também nas páginas de *A Plebe*. Não desejamos nos deixar levar por uma visão romântica no que se refere à cultura libertária, como também não desejamos roubar-lhe o mérito de suas ideias e ações pioneiras.

Assim, diferentemente das demais correntes socialistas que protelavam as discussões envolvendo os direitos femininos, mantendo seu foco nas lutas de classe²⁸, a cultura libertária adotava outra lógica de pensamento rumo à revolução social, defendendo

²⁷ O conceito de natureza utilizada pelos pensadores libertários do século XIX e início do XX, baseia-se nas ideias dos filósofos iluministas

²⁸ PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma História do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

a importância das discussões em torno do amor, dos corpos e da sexualidade como grandes preocupações da cultura anárquica, pois ao pensar em revolução, seria necessário pensar em uma nova moral de cunho libertário, que deveria ser livre de “preconceitos, dos tabus, das crenças obsoletas e das repressões sexuais”²⁹. Tudo para que enfim, uma nova sociedade pudesse emergir pautada na solidariedade.

Para a cultura libertária os meios eram essenciais para a construção de uma revolução social. Não bastaria apenas propagar mudanças em um futuro incerto, era necessário cultivá-la através de novas práticas no cotidiano. Assim, acreditando que a forma de propaganda mais eficiente seria aquela pautada nas ações, militantes libertários escreviam intensamente nas páginas de imprensa anárquica apresentando, não apenas pontos de vista, mas relatando suas experiências pessoais.

Estes discursos militantes, veiculados em *A Plebe*, criticavam duramente o conservadorismo burguês, pregando o nascimento de uma sociedade livre dos preconceitos, solidária e capaz de refutar conscientemente as repressões impostas pelo que chamavam de obscurantismo religioso. Deste modo, a cultura libertária não desejava apenas transgredir as regras da moral, mas sim, apresentar uma nova escala moral, pautada em valores com a liberdade individual, pensada para uma sociedade de cooperação mútua, seguindo o princípio de que para que uma nova sociedade pudesse nascer seria necessário, não apenas de uma nova moral, mas de novos homens e novas mulheres.

Havia, nesta atitude, um deslocamento do foco de atuação política. Enquanto a cultura anárquica mantinha-se intensamente vinculada ao investimento estratégico de propagar um conjunto de mudanças de atitudes que poderiam gerar uma nova sociedade, os demais socialismos mantinham os olhos fixos em uma política institucional. O campo moral é espaço de atuação política da cultura anárquica, no qual discursos desconstruíam o corpo disciplinado das operárias e dos operários, para apresentar o projeto libertário de construção de uma nova moral sexual.

Apesar da importância, para o projeto libertário, da construção desta nova moralidade, muitos pesquisadores ainda insistem em rotulá-los, de forma rasa, como moralistas. É preciso, ao se analisar a moral apresentada pela cultura libertária deste início

²⁹ RAGO, Margareth, Op. Cit., p. 150.

do século XX, buscar o entendimento de sua lógica, pois se trata de uma lógica própria, pautada nos princípios bem delimitados e balizados por objetivos claros. Não se tratava de criar uma sociedade amoral, mas sim, da criação de um novo código moral. E mesmo que muitos debates presentes em *A Plebe* possam ser considerados avançados, é preciso, como pesquisadora atenta, levar em consideração, as relações que estes discursos possuíam com seu tempo histórico.

Desde o século XIX os ideários anarquistas discutiam temas relacionados à moral, casamento, sexualidade e aos corpos masculinos e femininos, temas compreendidos como parte integrante da vida humana, e lugar onde também a liberdade individual deveria ser preservada³⁰. Na propaganda da cultura anarquista é possível entender que “o corpo não é um objeto em relação à cultura, mas é o sujeito da cultura”³¹. O corpo passa a ser uma forma de fazer política, de propor a revolução, mas não qualquer corpo, mas sim, corpos dotados de conhecimento, sexualidades e desejos. Assim, para promover esta transformação social prevista no projeto libertário, ações de educação sexual, palestras, livretos e exibição de filmes são anunciados e propagados em *A Plebe*. Nesta direção se encontravam ainda temas como o amor livre, divórcio, maternidade consciente, aborto, fim da prostituição, vasectomia.

Neste sentido, é possível perceber que, nas páginas de *A Plebe* uma construção de representações ideais de militância feminina e militância masculina, constantemente reafirmadas com ênfase e constantemente acionadas nos discursos referentes às discussões acerca das relações de gênero e as sexualidades. Um exemplo da atuação destas representações ideais nos discursos libertários se encontra na forma como a mulher é apresentada: longe de ser definida como ‘rainha do lar’, como se passa no imaginário social dominante, sua presença é estimulada em todos os âmbitos da vida social, sendo papel do homem militante apoiar e defender a participação feminina em um mesmo nível que a participação masculina.

Isto nos guia ao questionamento: por que as concepções a respeito das construções de novas formas de vida social, pregadas pelos revolucionários libertários, nas quais

³⁰ GOLDMAN, Emma. **O indivíduo, a sociedade e o Estado**. São Paulo: Imaginário, 1998.

³¹ CSORDAS, Thomas. **Corpo, significado, cura**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2008, p.102.

corpos, sexualidade e gênero faziam parte integrante encontram tão pouco espaço nas pesquisas acadêmicas, ainda atualmente? Muitos são os trabalhos sobre os movimentos operários da primeira metade do século XX, então como é possível que toda uma tradição de cultura anárquica, que se propunha discutir a “questão sexual”, fosse simplesmente esquecida em um canto obscuro dos porões da história?

Liberdade para a vida, liberdade para o amor.

Estes corpos que emergem nos discursos anárquicos, são dotados de sexualidades e desejos que não ficavam relegados ao segundo plano, mas que se destacavam como importantes elementos de poder³², pois seria a partir das transgressões morais e o rompimento com as normatizações religiosas que se poderia, enfim, cultivar a cultura da liberdade, o anarquismo na prática.

Em uma perspectiva voltada apenas para o âmbito discursivo, é possível afirmar que o anarquismo se diferenciava dos demais discursos de cunho socialista – mesmo que hajam outros pontos mais explorados pelos estudiosos -, por sua preocupação com os corpos e o exercício das sexualidades de seus militantes. Neste sentido, o amor livre, se encontrava presente em jornais de forte expressão no movimento anarquista da primeira metade do século XX, como por exemplo, nas páginas do periódico *A Plebe*.

Dentro de uma perspectiva foucaultiana, é possível perceber a resistência às tecnologias políticas e suas formas de vigilância sobre o corpo presentes no sistema fabril do final do século XIX e início do século XX nos discursos anárquicos desse período, sendo exemplo à defesa ao amor livre, que consistia, na verdade, em uma crítica ao modelo da norma burguesa de família. Como artifício discursivo, utilizava-se a ideia de que este amor livre estaria ligado ao direito ao amor como um sentimento natural, “menos a uma proposta de variação de parceiros, do que a crítica à institucionalização dos sentimentos em

³² Adotando o conceito de poder a partir das perspectivas apontadas por Michel Foucault.

formas rígidas e envelhecidas”³³. Era a maneira com que os libertários, assim como as libertárias, questionavam a disciplinarização do amor e do sexo, uma tentativa de constituição de saberes que poderiam resistir à disciplina que visava fabricar corpos submissos, “dóceis”, cuja normatização objetivava aumentar “as forças do corpo (em termos econômicos e de utilidade) e diminuir essas mesmas forças (em termo políticos de obediência)”³⁴.

É bem verdade que o tema “amor livre” não era questão pacífica entre os anarquistas brasileiros e muitos eram os posicionamentos apresentados, nas mais diferentes concepções e entendimentos, sinalizando para uma diversidade de concepções, a partir das quais, apenas torna-se possível afirmar que havia uma intencionalidade destes discursos – sejam eles a favor ou contra a concepção de amor livre – visando à formação de sujeitos que poderiam dar forma a revolução social almejada pela doutrina anárquica.

É importante destacar que a produção destes discursos, apesar de considerados avançados para o período, tinham influências provenientes do movimento anárquico existente fora das fronteiras brasileiras, como é o caso da influência exercida por Emma Goldman³⁵, assim como de algumas personalidades como a brasileira Maria Lacerda de Moura³⁶, que em seus muitos escritos defendia veementemente o direito ao prazer sexual feminino.³⁷

Percebendo que havia nos discursos anarquistas deste periódico, um especial

³³RAGO, Margareth. Do amor Livre. In: *Revista Libertárias: Revista de Cultura Libertária*, n. 03. São Paulo, set. 1998, p.11.

³⁴FOUCAULT, 1987, p. 119.

³⁵ Nasceu em 1869, na Rússia, mas em 1886 migrou para a América, onde trabalhou como operária. Tida como uma “oradora nata” realizou inúmeras conferências em prol da emancipação feminina. Foi presa várias vezes. Participou como colaboradora em diversos jornais anarquistas, até que passou a publicar sua própria revista chamada *Mother Earth*. Morre em fevereiro de 1940.

³⁶ Outras militantes anarquistas de destaque também tiveram textos seus citados em *A Plebe*, como por exemplo: Anita Figueiredo e Sônia Oiticica, entre outras.

³⁷ Uma obra de referência esta autora, no que se refere ao liberação sexual feminina, foi: *A mulher é uma degenerada?*, publicado na década de 1930.

destaque a liberdade focada nos corpos do proletariado, tanto masculinos quanto femininos, e compreendendo que este periódico tinha objetivo claro de propaganda da cultura anárquica.

Ao analisar as páginas de *A Plebe*, é possível perceber que os discursos acerca dos corpos eram construídos pensando-os como instrumentos para uma revolução social, que passaria pelas experiências individuais, com especial destaque aqui para aquelas focadas na sexualidade.

Ao considerarmos que as fábricas eram espaços que buscavam constituir trabalhadores disciplinados, lançando mão de vários artifícios que almejavam a formação do trabalhador ideal, concebido dentro de uma perspectiva higienista, constituído nos modelos emergentes normativos de família, podemos perceber o viés subversivo dos discursos anarquistas relacionados à moral e as expectativas revolucionárias depositadas nas possibilidades de experiências apresentadas através destes.

É bem verdade que o tema “amor livre” havia gerado muitos debates nas páginas de *A Plebe*, e muitos eram os posicionamentos apresentados, nas mais diferentes concepções e entendimentos, sinalizando não apenas para uma diversidade de concepções, a partir das quais, apenas torna-se possível afirmar que havia uma intencionalidade destes discursos – sejam eles a favor ou contra a concepção de “amor livre” – no sentido de que visavam à formação de sujeitos que poderiam dar forma a revolução social almejada pela doutrina anárquica.

Desta maneira, em alguns textos é possível encontrar percebermos, por exemplo, contraposições aos saberes médicos, em um momento em que os saberes da medicina contavam com um forte status de legitimidade, como é perceber no trecho selecionado abaixo, em que há uma crítica ao entendimento da prostituição como fruto de patologia:

Esses médicos e sociólogos, que sempre viveram confortavelmente, vão descobrir em todas as prostitutas supostas taras hereditárias no sistema nervoso, ou então, pronunciada preguiça e incapacidade para a luta (...). Dessas supostas taras hereditárias (...) eles, os “homens da ciência”, procuram fazer todo o fundamento da prostituição. (A PLEBE, 19/01/1935).

No que se refere a prostituição, muitos eram os artigos divulgados em *A Plebe*, apresentando-a como uma “calamidade muito antiga” e como uma cruel forma de “exploração” feminina, à qual a mulher é obrigada a recorrer diante do sistema capitalista em que se encontra inserida, não estando de forma alguma ligada a patologias, mas a contexto de miséria e desigualdade social. Desta forma, a luta pelo fim da prostituição não estava atrelado a questões ligadas a moral cristã de negação da sexualidade, mas se encontrava vinculada, nesta construção discursiva, a busca pela libertação das mulheres da prostituição, do mesmo modo que se fazia necessário libertar também as operárias do sistema fabril. Pois, “Cabe a nós anarquistas, amantes da liberdade e da justiça reabilitar a mulher tão oprimida(...)” (*A PLEBE* 28/09/1935).

A resistência anarquista as “tecnologias políticas” de vigilância da sexualidade podem ser percebidas também em seu projeto de educação sexual, que ambicionava educar as futuras gerações para uma maior autonomia em relação a seus próprios corpos. Estas campanhas pela educação sexual, tão caras aos anarquistas, eram também seguidas por campanhas realizadas pela própria Igreja Católica, que desde 1931, com a sanção do Papa, proíbe formalmente os pais católicos e professores de esclarecerem os filhos ou alunos – de ambos os sexos - a respeito de assuntos sexuais, sendo que somente os padres ficariam autorizados, em “casos urgentes”, a dar explicações sobre o tema.³⁸

As discussões referentes à sexualidade em *A Plebe* caminhavam na contramão dos demais discursos hegemônicos vigentes no Brasil desta primeira metade do século XX. Atuando como um agressivo contraponto, que apesar de não ter alcançado seu maior objetivo de construção de uma sociedade igualitária sem Estado, inaugurou muitas discussões, que apenas seriam retomadas no final deste século.

Considerações Finais

³⁸ RIBAS, Ana Cláudia. *A “Boa Imprensa” e a “Sagrada família”*: sexualidade, casamento e moral nos discursos da imprensa católica em Florianópolis – 1929/1959. Florianópolis, UDESC, 2009. Dissertação de Mestrado.

Estes são apenas alguns vislumbres da amplitude das discussões que estavam postas nas páginas deste importante impresso anárquico, mas que sinalizavam para as mudanças (e resistências) relacionadas à sexualidade e ao corpo que já se encontravam em curso na modernidade ocidental³⁹, e que portanto não podem ser considerado um estudo conclusivo ou acabado, pois as análises referentes a corporalidade a partir da proposta anárquica de formação de corpos revolucionários, capazes de se contraporem a tentativa de formação de “corpos dóceis”, presentes nas páginas de *A Plebe*, possuem muitos outros elementos que não foram contemplados neste artigo, mas que sinalizam para novas perspectivas de análises neste tão instigante tema, para além de uma simples análise pelo viés da moralidade, na tentativa de apresentar a profundidade que pode estar presentes nos estudos realizados sob perspectivas interdisciplinares.

³⁹ GIDDENS, Anthony. *A Transformação da Intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: UNESP, 1993.